

Jorge Amado em Tempos de Militância (1930-1933)

Alberto Alves da Silva

O início da década de 1930 no Brasil marcou uma nova era na sociedade brasileira com a ascensão do então presidente Getúlio Vargas, que assume o poder em meio a um clima de efervescência política generalizada em todo o país, fomentado desde a década de 1920, pelos movimentos sociais que surgiram, como o movimento tenentista com suas conspirações contra o governo de Artur Bernardes; os movimentos da classe operária que surgiam com o desenvolvimento do setor industrial, principalmente de São Paulo, onde a classe trabalhadora organizava greves, em busca de ser atendidas suas reivindicações por melhores condições de trabalho e salário; e os movimentos que se ascenderam após a Semana de Arte Moderna como a ANL (Aliança Nacional Libertadora) e a AIB, (Aliança Integralista Brasileira) e o surgimento do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Os anos de 1920 representaram um período de grande transformação no meio social e artístico, propiciado pela então citada Semana de Arte Moderna que em 1922, inaugurou o Modernismo como nova corrente literária que detinha como principal aspecto expressar um novo estilo de produção que enaltecesse a identidade nacional do povo brasileiro através da minoria étnicas como: os negros e os índios.

Emerge deste então, na produção literária brasileira, o engajamento que esteve há muito tempo em ostracismo pela forte intervenção das classes burguesas na cultura de modo geral. O engajamento é produto do ressurgimento do herói, que com a revolução Russa de 1917 ganhou evidência por representar as camadas populares que em união derrubaram o regime czarista. Para Eduardo de Assis Duarte:

A figura do herói estava perdida na Literatura burguesa deste o período Realista, reencarnando-se, nesse novo estilo de Literatura, por meio do heroísmo revolucionário da classe trabalhadora que inspirava defesas do combate realizado pelo operário camponês, agitador e dirigente de partido de massas (1996, p. 18).

No plano mundial esta década repercutiu como o período do pós-guerra, onde as nações que participaram da Primeira Guerra Mundial estavam tentando se reerguer dos abalos sofridos com a destruição e a alta taxa inflacionária que deixou a economia da Europa em uma crise sem precedentes, ocasionando miséria e paralisações operárias. A alternativa encontrada pelos países em crise foi a adesão à concepção keynesiana, que

detinha como proposta a intervenção do estado junto a economia.

Originou-se, a partir de então, ideologias políticas que voltaram a sua atenção para o fortalecimento do Estado, rompendo com isso com a democracia liberal; esse novo modelo de organização política e econômica intitulava-se *Estado de bem estado social* (welfare States). O Nacionalismo surgiu neste período com o sentimento de revanchismo, representado pelo Fascismo e o Nazismo, ocasionado pelas consequências do final da Primeira Guerra mundial, onde Alemanha e a Itália foram as grandes penalizadas, tendo que ceder territórios às nações vencedoras da guerra como a França, Inglaterra, além de pagar pesadas indenizações.

Nesse contexto é que se evidenciam as mudanças nos planos políticos e culturais no Brasil. A produção literária brasileira, portanto, sofreu forte reflexo deste período de incertezas, tanto no plano nacional quanto mundial. As ideologias do Comunismo e do Fascismo repercutiram na produção textual de vários escritores brasileiros, que optaram pelo engajamento teórico e político. Preocupados com os rumos da política neste cenário turbulento, literatos se solidarizavam com as questões sociais, e sinalizavam para a transformação da estrutura social.

Para Denis Benoite (2002) o engajamento é fundamental nas relações do literato com o social. Esse tipo de Literatura não visa retratar apenas os “bons sentimentos”, mas sim a questão da formação de uma nova ética social, mais justa e humana. Nesse sentido, o literato engajado é fascinado pelo cotidiano popular e produz de acordo com a luta dos trabalhadores.

É nesse contexto do final da década de 1920 e início da década de 1930 que encontramos o escritor baiano Jorge Amado que inicia sua inserção no mundo literário com a participação no movimento modernista, cuja principal proposta era vanguardista, apresentada pela Academia dos Rebeldes em Salvador na Bahia no final dos anos de 20.

Sobre o Modernismo e Jorge Amado, Roger Bastide (1972) afirma que a literatura brasileira manteve-se fixada nas tendências da literatura européia até 1922, ano em que foi realizada a semana de Arte Moderna, evento que elevou o modernismo a um divisor de águas no que se refere à produção literária nacional. Esta nova tendência, segundo a interpretação do autor citado:

Apresenta duas correntes internas neo-realistas: uma de cunho sociológico, caracterizada pela tentativa de descrever com a maior exatidão possível a realidade circundante; e outra, cuja intenção não consiste em pintar o real, mas mudá-lo em nome de uma ideologia socialista (BASTIDE, 1972, pp. 39-45).

Sobre a atuação de Jorge Amado na Academia dos rebeldes, o escritor ajudou a fundar a instituição junto com alguns amigos, trabalhou como jornalista e redator de alguns manifestos. Este movimento tinha como principais atitudes rejeitar e denunciar o coronelismo provinciano, que era o principal causador da pobreza e atraso em que vivia o país na época, em especial a região nordestina. Podemos assim perceber que o escritor não criticava o sistema capitalista que em pleno contexto político brasileiro na época era um capitalismo de primeiro mundo.

Jorge Amado nasceu em 1912 no distrito de Ferradas, município de Itabuna interior baiano. Era filho de fazendeiro oriundo de classe média. Seus pais João Amado de Faria e Eulália Leal haviam migrado do Sergipe para o interior da Bahia com o intuito de trabalharem como produtores de cacau. Nesta época, ainda na infância, Amado vivenciou vários conflitos de terras, fomentada pela luta de coronéis interioranos pelo poder e vivenciou a miséria da maioria da população baiana que vivia no sertão, tanto que este cenário lhe serviu de inspiração para a produção de dois de seus livros iniciais como *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Segundo Renard Perez:

Essa época do nascimento do romancista vem coincidir com o das grandes lutas pela conquista da terra, na região, quando o cultivo do cacau começava a substituir o do café e o da cana-de-açúcar: destacavam-se as intensas matas para o plantio do fruto, e os diversos proprietários, na ambição terra e do mando, se hostilizavam em rixas permanentes (PEREZ, s/d, p. 231).

Jorge Amado nos primeiros anos de vida foi alfabetizado pela mãe dona Eulália Amado, que lhe ensinara as primeiras letras. Neste tempo Amado é matriculado pela primeira vez na escola primária Dona Guilhermina, onde o curso é interrompido por motivo de doença. Amado em 1922 se muda para Salvador para se ingressar no internato do Colégio Antônio Vieira, dos padres Jesuítas. Esta fase de sua vida se destaca pela orientação cristã que Jorge Amado recebeu, onde vários padres foram seus mestres.

Tendo forte depressão por estar em um internato Amado pede ao pai para ficar um tempo de férias do Colégio, seu pai não atende o pedido. O menino que já possuía uma personalidade forte e dons literários descobertos pelo padre Cabral, foge em 1926, onde realizou uma proeza que Perez comenta: “Praticamente sem dinheiro, atravessa o sertão da Bahia, indo para Itaporanga, Sergipe, onde reside o avô. E aí fica, até que o pai o manda buscar, permanecendo o resto do ano na fazenda” (PEREZ, s/d, p. 232).

Já no ano seguinte ele é transferido para o internato do Colégio Ipiranga, onde recebe um tratamento mais liberal, onde o rapaz se sente à vontade. A partir de então Jorge Amado participa ativamente da vida literária estudantil, tendo atuado na diretoria do grêmio e dirigido um jornalzinho escolar que tinha como nome: a Pátria. Deste então Amado lê toda a literatura que lhe chega às mãos, onde ele toma contato com a obra literária de Balzac e Maupassant, e principalmente os modernistas de 1922, entre eles, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia.

A trajetória de Jorge Amado no mundo literário remete a uma análise mais concreta pela série de acontecimentos políticos que fomentam a revolução de 1930, que influenciaram o escritor na sua produção textual. Para o mundo da literatura Jorge Amado foi um dos adeptos da Semana de Arte Moderna de 1922, e isto é um fato. Mas segundo estudiosos da literatura amadiana existem características peculiares que cercam essa afirmativa e que podem contrariar os grandes teóricos da Literatura brasileira.

Partindo desse princípio o próprio Jorge Amado, em entrevista, quando fala em relação ao Modernismo nega sua influência na sua produção textual. Segundo ele:

Esta nova tendência atingiu as terras baianas no ano de 1927, vindo a fomentar a Academia dos Rebeldes. Em discordância com Bastide e outros intérpretes literários, o escritor baiano afirma que suas obras não tiveram influência do modernismo, mas sim da revolução de 1930 (RAILLARD, 1990, p. 57).

O início da década de 1930 é marcado por grandes mudanças na estrutura política nacional, pois o país passou por uma fase de transição política, onde o regime da república café-com-leite se dissolve por influências de outras elites agrárias, como a mineira e paraibana, que aliado aos interesses dos tenentes e pessoas oriundas da classe média se organizaram e no ano de 1926 fundaram a Aliança Liberal, um movimento que reuniu grande adesão de partidos políticos que lutavam para a queda do regime dos coronéis.

A Aliança Liberal foi um movimento heterogêneo ideologicamente cercado de interesses de distintas organizações que compunham a agremiação. Isso se deve à própria incapacidade do movimento em construir uma plataforma política concreta que estabelecesse um plano de governo que englobasse os anseios de toda a sociedade brasileira, que estava passando por um momento de crise política e econômica, como podemos visualizar no comentário de Anita Leocádia Prestes, onde a autora comenta:

As sucessivas crises de superprodução do café, alimentadas pela política governamental de favorecimento dos cafeicultores, acabaram

levando o país a uma crise profunda, que extrapolou o âmbito econômico, atingindo também as esferas social, política e ideológica e cultural (PRESTES, 2009, p. 28).

O país, nesse período, sofria os abalos da crise do capitalismo financeiro onde seu principal produto exportador, o café, estava com a sua cotação no mercado externo baixa, propiciado pelo clima de incerteza que predominava o mundo com a formação de regimes totalitários na Europa e a queda da bolsa de Nova Iorque, que arrasaram as economias de todos os países do mundo, e principalmente no Brasil onde a crise foi sentida pela classe operária que organizou grandes paralisações, principalmente nos anos de 1930 a 1935. Podemos observar essas questões na análise de Nelson Werneck Sodré, que segundo ele:

Entre o movimento vitorioso de 1930 e os acontecimentos de 1935, ocorreu no Brasil um desses períodos ricos em manifestação política as mais desencontradas. E por isso mesmo, marcados pela “agitação”. Todo o velho Brasil que aquele movimento realmente abalou - mais não destruiu - foi desvendado, discutido, analisado, contestado... (SODRÉ, 1987, p. 18).

As greves operárias ascenderam como um barril de pólvora, pois a desigualdade social estava evidente, dada a relação de exploração na área industrial brasileira que estava em formação nos grandes centros urbanos. Dentro desse contexto Jorge Amado se encontra como um adepto à revolução burguesa de 1930, quando subiu ao poder Getúlio Vargas, representante da Oligarquia gaúcha.

Dentro desse contexto Amado publica seu primeiro livro *País do Carnaval* (1931), que demonstra a imaturidade do autor, no que consiste a não expor uma posposta literária engajada. O livro narra a vida do fazendeiro Paulo Rigger, que se encontra em um dilema de vida, pois tenta descobrir a verdadeira motivação de sua existência e o caminho para a felicidade. A obra possui em sua estrutura uma linguagem cética, mas faz importantes apontamentos sobre a política da época, como por exemplo, a revolução de 1930, onde as camadas populares estavam insatisfeitas com os rumos do país. O debate em torno da identidade cultural do povo, onde a grande pergunta em torno da obra é será que o Brasil é apenas o país do Carnaval?

Tendo participado da Academia dos Rebeldes, Jorge Amado, de uma maneira ativa, defendeu a corrente da Aliança Liberal que viabilizou Vargas a chegar ao poder, por ser um movimento de oposição ao regime dos coronéis. O que é interessante é que anos depois Amado muda sua posição política atuando ferrenhamente contra Getúlio

Vargas, isso é explicado pela aproximação do autor com a ideologia Leninista.

Essa aproximação se dá no ano de 1932 quando o escritor filia-se à Juventude Comunista, uma colateral da juventude do PCB, que mais tarde participa da organização dos levantes armados 1935, onde o literato teve uma atuação marcante. A filiação de Jorge Amado na Juventude Comunista produziu reflexos em suas obras, onde o autor esteve preocupado em retratar a vida dura dos trabalhadores do campo e da cidade, que segundo sua visão era explorada pelo sistema capitalista.

Esta nova visão contribuiu para o escritor produzir romances, contudo, ainda limitada, não ultrapassando os limites da concepção burguesa, como *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Estes dois romances denunciam as mazelas do sistema capitalista, onde em *Cacau* o escritor denuncia as péssimas condições de vida dos trabalhadores do interior da Bahia que trabalhavam na fazenda dos senhores de cacau. O romance ressalta a necessidade dos trabalhadores do campo e da cidade em ter uma tomada de consciência de classe. Amado em entrevista a Alice Ralliard diz:

Que tentou, em *Cacau*, escrever um “romance proletário” que almejasse a organização dos trabalhadores, já a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e não existia, propriamente, uma classe operária (RALLIARD, 1990, p. 55).

Com seu romance *Suor* Jorge Amado narra a vida dos moradores de um cortiço na capital baiana que vivem em péssimas condições de sobrevivência, desempregados, prostitutas e artistas que fogem da seca para tentar melhores condições de vida em Salvador. Mas o autor aborda a necessidade do despertar dos trabalhadores para a formação de uma consciência de classe e busca de uma construção da moral que estava degenerada. Amado ao avaliar seus dois romances engajados e o início de sua militância partidária, o escritor avalia: “Cacau e Suor, que seguem de muito perto - 1933 e 1934 -, significam o meu encontro com a esquerda é o momento em que me torno militante de esquerda” (RALLARD, 1990, p. 56).

No romance *Cacau* há outra característica muito importante que tem que ser ressaltada: a tentativa do autor de escrever um documento histórico, que se tornou um romance proletário dos mais conhecidos pelo grande público. *Suor*, diferentemente do outro livro citado, migra para o espaço urbano, demonstrando a luta de classes entre proletariados *versus* burgueses. Neste livro Jorge Amado inicia de forma bem tímida a defesa ao brado leninista, uma concepção que visa o poder do estado sobre a classe

proletária, enaltecendo dessa maneira o exemplo da Revolução Russa, que poderia ser seguido pelos trabalhadores brasileiros.

Voltando à análise de Jorge Amado na geração modernista de 1930, o autor é referenciado pela literatura brasileira por ter sido o precursor do novo naturalismo literário que se iniciou com Gilberto Freire. Segundo Roger Bastide (1972), essa nova corrente literária teve reflexo das vanguardas européias, como o Dadaísmo, e o Surrealismo, onde o imaginário social se tornou moda na época. O próprio Jorge Amado no dia de sua posse na Academia brasileira de Letras argumentou:

Minha geração, esses romancistas do ano de trinta, chegava para a vida e para a criação novelística com o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro, em busca do caminho para a solução de nossos problemas. Variados foram os caminhos seguidos, mas o ponto de partida era o mesmo: o amor ao Brasil e ao seu povo, a necessidade de se solidarizar-se com o homem e o seu drama, fôsse o drama da terra e da fábrica, fôsse o trama interior de sua solidão (Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, ano 1961).

Podemos perceber que a geração de 1930 apresentou como característica peculiar a volta ao nacionalismo, fruto do período de incerteza que estava vivendo a Europa, onde os movimentos artísticos desenvolveram um papel atuante com o interesse de opinar sobre os destinos do planeta. Dentro do contexto do romance de 1930, segundo Jorge Amado comenta mais uma vez em entrevista:

“O romance de 30” - movimento surgido com a Revolução de 1930 - caracterizou-se como uma literatura que tratava dos problemas sociais do povo brasileiro, sendo isso atestado numa escrita narrativa assentada na língua falada pelos setores mais populares. Nesse sentido, o romance a Bagaceira, de José Américo de Almeida, escrito em 1928, seria um dos marcos iniciais dessa nova fase da literatura brasileira, na qual os escritores nordestinos seriam os pioneiros/vanguarda (RALLARD, 1990, pp. 60-66).

Diante desse comentário de Jorge Amado podemos perceber de que a denúncia social estava em pauta nesse período de grandes acontecimentos históricos que marcaram a vida política brasileira na década de 1920 e 1930. O escritor se encontra preocupado com os problemas sociais e sua produção literária é engajada porém é limitada por apresentar um engajamento que perpassa pela concepção burocrática, não libertária expondo denúncias das atrocidades do sistema capitalista à classe operária.

A produção Amadiana na década de 1930 se destacou por se tratar de temas polêmicos para a época. Narrar o cotidiano de pessoas simples oriundas de classes tratadas como subalternas, era um desafio. Somente através de uma atitude engajada

inspirada no leninismo, é que esta tarefa se realizou. Jorge Amado foi um escritor solidário com as massas, misturando utopia e ao mesmo tempo tendo a consistência da realidade poder desenvolver em seus romances a junção entre imaginário social, e a possibilidade da revolução, pautada na ditadura de estado que oprime a classe trabalhadora.

Amado foi um pseudo- marxista além de seu tempo, seus romances refletem uma promulgação da ideologia leninista, uma corrente deformadora que defende a exploração dos trabalhadores e a sustentação do estado burocrático. Em tempos de estruturação econômica fomentada pela crise atual, a produção amadiana nos propicia uma reflexão sobre a sociedade, e erros do marxismo- ortodoxo.

Referências Bibliográficas

AMADO Jorge. *O País do Carnaval*. São Paulo: Editora Martins, 1961

____ *Cacau*. São Paulo: Editora Martins, 1961.

____ *Suor*. São Paulo: Editora Martins, 1961.

BASTIDE, Roger. *Sobre o Romancista Jorge Amado*. In: *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Editora Martins, 1972.

DENIS Benoíte. *Literatura e Engajamento*. Bauru- SP. EDUSC, 2002.

Discurso de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras 1961.

DUARTE. Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

PRESTES, Anita Leocádia. *Uma Epopéia Brasileira: A Coluna Prestes*. São Paulo, 2007.

PEREZ Álvaro. *Sobre o Romancista Jorge Amado*. In: *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Editora Martins, 1972.

RALLIARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

Alberto Alves da Silva

Alberto Alves da Silva Graduado do curso de Licenciatura em História Universidade Estadual de Goiás Unidade de Iporá; sendo bolsista do programa PIVIC - UEG; Professor da Rede Estadual de Ensino. Email: albertosilva.historia@gmail.com.